

	Uma Arqueologia dos Discursos	Jul / 2012
labeca		1 / 8

VLASSOPOULOS, K.

2007. Excertos de “An Archaeology of Discourses.” *Unthinking Greek Polis: Ancient Greek History Beyond Eurocentrism*. Cambridge University Press, 2007, pp. 13-67

[seleção e tradução: Profa. Marta Mega de Andrade (UFRJ); revisão Labeca]

P. 13 – A palavra grega “polis” tem um pedigree muito antigo. Pode tratar-se de um termo indo-europeu denotando o sentido de “fortaleza”. Mas é o seu vasto e amplo uso pelos gregos antigos do primeiro milênio a.E.C. que lhe conferiu uma importância que transcende o seu sentido lingüístico. Contudo, é apenas a partir de meados do século XIX com a publicação de trabalhos como aqueles de Burckhardt e Fustel que a palavra polis começou a atrair a atenção dos especialistas modernos, tornando-se parte dos discursos e da literatura do Ocidente europeu. Por isso, é importante prestar muita atenção à seguinte questão: como esses discursos mais vastos formularam o estudo da História Antiga Grega, e o conteúdo dessa História, *antes* que a polis se tornasse o princípio organizativo do estudo da História Antiga?

P.14 – (...) a abordagem da polis depende de um grande número de premissas metahistóricas: a colocação da História Grega no interior da História européia; uma filosofia evolucionista ou progressista da História; uma metodologia histórica funcionalista ou mecanicista; decisões específicas sobre o assunto e a extensão da História Grega e sua unidade de análise; decisões sobre os gêneros narrativos dentro dos quais a História Grega deve ser seguida; e por aí vai. (...)

PP.15-17 – Os gregos e seus gêneros históricos (*resumo do argumento: divide em cinco categorias e chama a atenção para a preferência dos modernos pelas Hellenika, histórias locais de entidades independentes que se desenvolve com Xenofonte e predomina nos autores posteriores*).

PP. 17-22 – Do Renascimento à Revolução Francesa

Desde a Renascença, portanto, com a redescoberta de uma quantidade extremamente limitada de produções historiográficas da antiguidade (limitada tanto em quantidade como em foco), não existia História Grega *tout court* até o século XVIII. Qual era a razão disso?

	Uma Arqueologia dos Discursos	Jul / 2012
labeca		2 / 8

A tradição neoclássica europeia, decisivamente influenciada pela historiografia clássica, percebia a história largamente como uma narrativa de feitos militares e políticos de grandes personalidades. A contrapartida dessa definição do campo histórico era a percepção da *historia magistra vitae*, na qual o passado servia como um rico campo de *exempla* para uso moderno. Isso teve um duplo efeito. De um lado, significava que os primeiros acadêmicos modernos não tentaram escrever narrativas históricas da Grécia antiga. Eram os historiadores antigos que haviam narrado os eventos políticos e militares da antiga Grécia de modo exemplar. (...) De outro lado, o que agora chamamos de história social, econômica, cultural permanecia fora do campo da escrita neoclássica da História. Ao invés disso, a evidência para esses aspectos da vida passada concentrava-se em registros sistemáticos chamados *Antiquitates*, organizados por temas e não segundo a temporalidade. Parcialmente isso correspondia ao fato de que as *Antiquitates* haviam emergido como comentários textuais, habilitando o leitor e o especialista a corrigir textos clássicos e compreender seu significado real. Mas mais importante era o fato de que esses primeiros especialistas modernos careciam de um aparato conceitual para narrativizar esses aspectos e inseri-los em um paradigma temporal. A história política e militar tinha grandes homens como atores e narrava eventos; mas a história social, cultural e econômica não podia funcionar simplesmente com grandes homens como sujeitos da ação, e não se podia organizar em torno dos eventos. Precisava de sujeitos coletivos e conceitos temporais que não existiam nem na tradição clássica sobrevivente, nem na *ouillage mental* dos primeiros pensadores modernos.

PP. 18-20, *Abordagem importante do humanismo cívico em sua atenção às bases da koinonía como contrato ou pacto social.*

P. 18 – A contradição entre relevância e *alterité* no seio da tradição acadêmica humanista permaneceu sem solução precisamente porque não havia nenhum aparato conceitual que pudesse narrativizar esses problemas, e nenhum discurso que pudesse explicar o que constituía a base dessas diferenças e a fonte da transformação histórica.

P. 19 – Mas se os antigos autores de História proviam exemplos de conduta nobre, estratégias engenhosas e ações impecáveis, a vida política, econômica e social das comunidades gregas também se encontrava diretamente disponível e relevante aos primeiros europeus modernos através do discurso do Humanismo cívico. Esse discurso poderia ser traçado de modo reverso até os gregos antigos, em particular Aristóteles, e ainda estava se desenvolvendo no

	Uma Arqueologia dos Discursos	Jul / 2012
labeca		3 / 8

decurso do século XVIII. Ele via a polis ou *civitas* como uma comunidade de cidadãos, que eram chefes de casas. A *civitas* poderia ser governada de uma variedade de maneiras, dependendo se o elemento de governo era um indivíduo (monarquia), poucos (oligarquia), muitos (democracia), ou uma constituição mista, considerando-se ainda se o elemento governante agia em benefício público ou em seu próprio benefício (constituições corrompidas). A participação na comunidade política dependia da virtude política, e a preservação da comunidade era também dependente da virtude de seus membros (...). Assim, a preocupação central desse paradigma era a de como obter e reter a virtude cívica (...)

P. 20- Assim, o discurso do humanismo cívico amalgamou aquilo que do século XIX em diante seria visto como os três campos distintos da sociedade, da economia e do estado no todo singular da polis ou *civitas*. Ao agir dessa forma e ao apresentar a *civitas* como associação voluntária de cidadãos, conferiu-se à política o papel preeminente: a imagem do legislador, que constrói e reforma a comunidade política, tinha um valor crucial. Portanto, a história política e a experiência dos antigos estava à mão dos primeiros europeus modernos: suas soluções no sentido de construir uma comunidade política bem sucedida e virtuosa e de reformar uma comunidade corrompida, podiam ser estudadas e potencialmente aplicadas aos problemas modernos. Além disso, ao analisar as formas de comunidades políticas a partir de seu elemento governante, esse discurso permitiu comparações diretas entre democracias, oligarquias e monarquias antigas e modernas. (...)

P. 21- Por fim, é importante esclarecer como as comunidades gregas eram concebidas nesse período. O que é notável sobre o tratamento da História Grega é a ausência de uma identificação nacional homogênea dos gregos, e a inclusão de um grande número de comunidades gregas nas primeiras narrativas modernas. Análises das formações políticas gregas raramente eram amalgamadas sob um rótulo nacional unificado: para os autores desse período, cada “comunidade política” podia facilmente aproximar-se de uma “nação”. (...).

PP. 22-28 – Tendências Contrastantes (*até o século XVIII*)

P. 22 – Alguns começaram a argumentar que a Antiguidade era fundamentalmente diferente da modernidade. Isso criava todo um discurso sobre como a Antiguidade era diferente, porque era assim e porque não se havia desenvolvido da mesma maneira que a Europa moderna. Ao mesmo tempo, outros começaram a ver a Antiguidade como particularmente relevante: sua


	Uma Arqueologia dos Discursos	Jul / 2012
labeca		4 / 8

história poderia prover exemplos de como reformar a sociedade durante a grande crise do final do século XVIII; igualmente, a História Grega veio a ser escrita agora como uma narrativa, a fim de abrigar argumentações no debate político contemporâneo. Outros vieram a valorizar a História Grega por diferentes razões: precisamente por ser diferente da sociedade de seu tempo e permitia a descoberta de formas alternativas de expressão e sentimento. A partir dessa perspectiva, descobriu-se como o campo da História poderia ser expandido a fim de abarcar a história social, cultural, econômica. Eles descobriram o sujeito coletivo do *Volk* e o conceito temporal de *Zeitgeist*. Finalmente, outros vieram a descobrir novas temporalidades “seculares”, sob as quais a história poderia ser narrada: descobriram que a História poderia ser vista como evoluindo em diferentes estágios, e descobriram ainda novas metahistórias. A emergência da História Grega como campo independente durante o *Sattelzeit* foi moldada por todos esses desenvolvimentos diferentes.

PP. 28-30 – Da Revolução Francesa aos anos 1860

(...) As assim chamadas “revoluções gêmeas”, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, reajustaram os discursos políticos, econômicos e sociais europeus. A Revolução Francesa colocou na agenda de modo inescapável a questão da natureza da comunidade política e dos direitos de seus membros. Pela primeira vez em muitos séculos, as pessoas sentiam que podiam reconstruir a sociedade a partir de seus esboços; a tentativa Jacobina de remodelar a sociedade francesa, e seu fracasso, alavancaram um enorme debate sobre a natureza da sociedade e suas instituições, a forma e a natureza da mudança social, a relevância do passado para o presente e o futuro almejado da humanidade. Além do mais, a Revolução viu o desenvolvimento do nacionalismo como uma força política potente e isso ajudou a remodelar percepções de identidade e pertencimento, assim como de destinos coletivos.

A Revolução Industrial contribuiu igualmente com importantes conseqüências. O Ocidente estava agora numa posição em que podia reclamar por supremacia mundial sem desafios devido ao grande avanço de sua tecnologia, produtividade e potência; essas mudanças monumentais impressionaram de forma tão marcante o povo europeu daquele tempo que tentaram explicar essa requisição Ocidental de supremacia mundial. Todos os grandes pensadores europeus do séc. XIX alçaram explicações sobre “a emergência do Ocidente”. Muitas respostas diferentes foram ensaiadas. O que elas tinham em comum era uma crença na comparação de estágios sucessivos do Ocidente (Antiguidade- Idade Média – modernidade) como algo que poderia habilitar os especialistas a

	Uma Arqueologia dos Discursos	Jul / 2012
labeca		5 / 8

compreender seu surgimento. Ao mesmo tempo, a emergência do Ocidente era acompanhada pela queda do Oriente. O Oriente estava agora relegado a uma posição de eterna estagnação, fora da História propriamente dita; o Ocidente nada devia ao Oriente, tendo avançado graças a sua própria dinâmica interna. Teorias raciais, como o discurso sobre os indo-europeus, serviram para intensificar esse fosso.

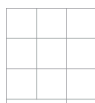
Essas mudanças históricas afetaram o estudo da História Antiga Grega de três maneiras. A primeira foi a construção de temporalidades. A história Grega tornara-se um campo independente de estudos. Quais eram as fronteiras temporais que os historiadores usariam para narrar a história Grega? Já vimos algumas que foram criadas, mas nesse período elas foram mais articuladas, outras foram adicionadas e, por assim dizer, as temporalidades dentro das quais a história Grega ainda é estudada foram terminantemente estabelecidas. A segunda questão é a da construção do sujeito da história Grega: seria uma área geográfica? Um povo? Um conceito? E quais seriam os parâmetros dentro dos quais os historiadores poderiam conceber e analisar um tal tema? Finalmente, a última questão era a da narrativa histórica. Quais eram as fontes utilizadas para a construção de uma tal narrativa? O que se incluía e o que era excluído? Ou, em outras palavras, como eram as temporalidades e concepções do sujeito-tema da história aplicadas à escrita da história Grega?

PP. 30-35 –Temporalidades

1) Os Ideologues *contra a apropriação indébita dos Jacobinos, postulavam a diferença em relação à modernidade. Paradigma do **distanciamento***: seu principal interesse não era como o povo real modelou e mudou sua história, mas como as estruturas modelaram o comportamento e as atitudes dos povos antigos (p. 31)

2) *Paradigma dos alemães como Niebuhr, **atualização** (ao mesmo tempo realismo e atualismo)*. Nas palavras exemplares de Mommsen, a tarefa do historiador era a de “fazer descer os antigos das colinas imaginárias, de onde aparecem para a massa do público, para colocá-los no mundo real do leitor, onde havia ódio e amor, visão e ocultação, imaginação e mentiras...” (*evoca a teoria viconiana dos ciclos históricos*) (p. 32) Assim, apesar de aceitarem que havia uma moldura maior e universal de desenvolvimento, argumentavam que cada nação e cada sociedade havia passado por estágios sucessivos de nascimento, idade adulta e maturidade.

3) **Abordagem evolucionista ou desenvolvimentista**. P. 35: a terceira abordagem (evolucionismo e filosofia da história) criou a narrativa de longa

 labeca	Uma Arqueologia dos Discursos	Jul / 2012
		6 / 8

duração na qual a História Grega foi inserida, e ajudou a estabelecer os termos nos quais essa história poderia se tornar um campo independente. Assegurou que a História Grega existia como um campo independente apenas na medida em que formava um estágio do processo eurocêntrico mais vasto.

PP. 36-38- Construindo o Sujeito-tema

Os revolucionários franceses haviam tentado modificar a sociedade por decreto. A esse respeito, estavam seguindo a antiga tradição do sábio legislador; e encontravam-se nos limites de um discurso do humanismo cívico. A resposta dos liberais e conservadores ao experimento Jacobino levou ao fracasso final desse discurso. O que ambos tentavam argumentar era que a sociedade não podia ser reformada por um ato de vontade, porque não se tratava de uma associação voluntária de indivíduos; antes, a sociedade era uma máquina, com leis de funcionamento claras e reguladas. Tentativas revolucionárias de refazer a sociedade terminariam em anarquia, terror, e, finalmente, em despotismo. Devia-se respeitar as leis do funcionamento social para que alguma mudança tivesse efeito. Ademais, cada sociedade tinha um passado distinto: ela evoluía em acordo com seus próprios padrões inerentes e as tentativas de suplantar esse passado aplicando receitas inventadas por outros seriam catastróficas.(...)

Os resultados foram radicais. Antes do séc. XIX, sociedade (o grego *koinonía*) era pensada como um agregado ilimitado de associações e parcerias voluntárias; agora uma tal noção era ultrapassada por uma visão de sociedade como um definido e claro mecanismo, conjugando indivíduos e grupos a partir de laços invisíveis e necessários. Da mesma maneira, economia (o grego *oikonomía*) era vista como a administração do patrimônio e do domínio público; agora, passava a ser concebida como um campo independente (...) Finalmente, a antiga concepção de governança (*politeia*) evoluiu para o Estado, um campo independente da “sociedade civil”, com suas próprias fronteiras e regras e mecanismos internos próprios.

Intelectuais germânicos reagiram à ocupação revolucionária francesa e a dominação cultural realçando o caminho particular da história nacional alemã, e portanto defendendo a importância da particularidade nacional contra o universalismo Iluminista.(...) A concepção voluntarista da sociedade no discurso do humanismo cívico foi substituída pela concepção objetivista do nacionalismo. O discurso nacionalista defendia um isomorfismo entre língua, sociedade, cultura e estado: todos esses constituíam fronteiras co-extensivas que distinguíam um *Volk* de outro. (...) *caminho da descoberta da Grécia como uma*

	Uma Arqueologia dos Discursos	Jul / 2012
labeca		7 / 8

nação particular.

PP. 38-43 – Narrativa Histórica (*ou da Grécia como Nação, caminho inglês*)

P. 39 – *Breve tomada em consideração da diferença, mas ainda da importância da forma britânica de escrever História Grega: ausente dos debates sobre distanciamento a historiografia britânica foi a primeira, contudo, a narrativizar a história dos gregos moldando-a aos interesses nos debates políticos de seu tempo; e porque fechada a questões postas pelas fontes textuais, largamente demarcada pela evolução ateniense e espartana. Esse enfoque, ao mesmo tempo aproximativo e centrado em Atenas-Esparta, marca profundamente a historiografia posterior, embora o nome de Grote seja o último dentre os grandes narradores do conjunto da História Grega. Marca do Atenocentrismo. No modo como finalmente foi formulada por Grote, a história da antiga Grécia veio a significar essencialmente “Grécia central e Peloponeso, de Sólon (ou Homero) até Aristóteles. (p. 40).*

P. 44- Dos Anos 1860 à II Guerra Mundial: Reestruturação e Correntes em Competição

Chama a atenção para a presença de duas correntes principais. Uma devida às abordagens de Fustel e Burckhardt, teria suplantado a segunda e se transformado na base da ortodoxia corrente no campo da História Antiga Grega. A outra representada por E. Meyer, Rostovtzeff, Beloch, não se centrava na polis e foi suplantada pelos seus erros “modernistas”.

PP. 45-7 – A Primeira Corrente: Fustel e Burckhardt

Trata rapidamente de Burckhardt mencionando que ele foi o primeiro a tematizar a polis como sujeito de uma história cultural. Sobre Fustel, aponta uma ligação de seu modelo com o funcionalismo e o evolucionismo, além do racismo.

PP. 47-52 – A Segunda Corrente: Meyer, Beloch e Rostovtzeff

P. 47-48- O seu mais revolucionário feito foi a emancipação dos aspectos econômicos e sociais da apresentação estática das *Antiquitates*. Viam a cultura material e a população humana como fatores de mudança e reajustamento para a totalidade das relações humanas. (...) Chamarei esses estudiosos de modernistas, porque em sua tentativa de criar uma história dinâmica, eles utilizaram os padrões econômicos e sociais da Europa moderna para dar sentido

	Uma Arqueologia dos Discursos	Jul / 2012
labecca		8 / 8

às evidências antigas.

P. 49 – Eles também argumentaram contra o evolucionismo. Recusaram-se a ver a História como a realização de uma idéia ou a ratificação de um padrão determinista de evolução.

P.51- Finalmente, a tentativa de integrar a história econômica, social e política, e de configurar as inter-relações entre vastas áreas de comunidades gregas e não gregas, gerou uma abordagem revolucionária no uso das fontes. O estudo (...) necessitava de um afastamento do foco restrito das histórias da Grécia que eram construídas pelo uso das *Hellenika* gregas; ademais, o uso necessário de dados quantitativos não poderia ser conferido por essas fontes textuais. O uso sistemático das fontes arqueológicas foi a invenção dessa abordagem nova (...)

P. 53- Não foi senão até o período pós-guerra que o conceito de polis finalmente reinou sem desafios em todos os campos da História Antiga Grega. (...)